

## D. PEDRO II EM NOVA ORLEANS (\*).

---

ALMIR DE CAMPOS BRUNETI.

Tulane University (U.S.A.).

À medida em que os anos passam, e provavelmente ainda como efeito do nacionalismo inaugurado pelo Movimento Modernista, a figura de D. Pedro II adquire nuances ambíguas, cujas implicações talvez valesse a pena examinar mais detidamente. Produto do positivismo e impregnado pela cultura da França, que para ele era *sa seconde patrie* (1), é viável que a sede de conhecimento e a curiosidade evidenciadas pelo imperador em todos os lugares por onde passou possam ser interpretadas como erudição superficial e cabotinismo. Os críticos literários nunca lhe perdoaram os maus versos nem se esqueceram das suas pretensões estéticas *vis-à-vis* de José de Alencar, fato que provavelmente tenderia a validar as palavras de Afonso Celso quando descreve o conceito que os súditos brasileiros tinham do imperador:

“Inteligência pouco acima do medíocre, ilustração mais extensa que profunda, bonomia filha do ceticismo, magnanimidade oriunda do pouco caso com que considerava os outros homens, tendências absorventes por índole e hábito, *gênio de bagatelas* como alguém lhe chamou, coração árido, incapaz de devotamentos...” (2).

---

(\*) — Comunicação apresentada na XXVII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) realizada em Belo-Horizonte em julho de 1975. (*Nota da Redação*).

(1). — *Le Lousianais*, 20/5/1876, p. 1.

(2). — Afonso Celso, *O Imperador no Exílio*, nova edição aumentada (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, s. d.), p. 4. O livro, entretanto, tem o objetivo de demonstrar que tais impressões eram errôneas. Ver também Raimundo Magalhães Jr., “Anfrísio Fialho e seu republicanismo,” in *O Império em Chinelo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957) pp. 233-237.

Contudo, é incontestável que D. Pedro II, nas suas viagens ao estrangeiro, e apesar da ogeriza que sentia por quaisquer cerimônias oficiais, tivesse atraído a atenção geral e capitalizado para o Brasil o interesse dos países visitados. Durante a visita aos Estados Unidos, realizada como preâmbulo de sua segunda viagem à Europa, o imperador causou sensação no país inteiro. Seus passos eram acompanhados pelos leitores dos jornais que se deliciavam com a informalidade, o espírito de humor, e as observações francas do único soberano a visitar o país até aquela data, à exceção do rei Kalakau, do Havaí.

O conhecimento do inglês que possuía o imperador, até mesmo das expressões idiomáticas mais típicas, aliado a um certo espírito galhofeiro, divertia e maravilhava os americanos. O *New Orleans Republican*, jornal que mais escreveu sobre D. Pedro em Nova Orleans, publica a seguinte nota no dia 20 de maio de 1876, quatro dias antes da chegada do imperador à cidade. O texto é dado em inglês para não se perder o esforço do cronista em transmitir ao público uma idéia do sotaque do imperador:

*“Dom Pedro and the Philadelphia Militia — They used militia to keep order at the grand opening, and as Dom Pedro witnessed their extraordinary maneuvers, he asked in astonishment: “Vat eez doze?”*

*“Those are the Philadelphia soldiers, your majesty,” eagerly answered ex-secretary Borie, his face lighting with pride at the fancied compliment to the citizen soldiery.*

*“Feealdephy soldate, eh?” slowly repeated the monarch, as he gazed at them curiously through his eye-glasses, “and vere eez le General Boum?”*

A viagem a Nova Orleans foi realizada depois da abertura oficial da Exposição do Centenário na Filadélfia. Por esta altura, o imperador, que chegara a Nova Iorque no dia 15 de abril, e que surpreendia a todos pelo seu dinamismo e quase ubiquidade, já havia atravessado o país até São Francisco e voltado à costa atlântica, chegando à Filadélfia no dia 9 de maio, véspera das solenidades de abertura da exposição inaugurada no dia 10 conjuntamente por ele e pelo presidente Grant. A viagem inicia-se no dia 14 de maio, quando o imperador parte com destino a St. Louis, onde tomaria um barco para descer o Mississipi. Efetivamente, no dia 18 começa a descida do “pai dos rios” a bordo do vapor *Grand Republic*, que chega a Nova Orleans no dia 24 pela tarde.

Durante os dias que precederam a chegada do imperador a Nova Orleans, os jornais locais publicavam diariamente notícias sobre o progresso da viagem. Entre essas notícias, as mais interessantes são

as que dizem respeito à situação econômica do Brasil na época, e que dão ênfase às imensas possibilidades de comércio lucrativo ainda totalmente inexplorado pela cidade que é hoje um dos portos mais importantes na ligação comercial dos Estados Unidos com os portos brasileiros. O *New Orleans Bulletin*, por exemplo, publica no dia 20 de maio um artigo sob o título “Comércio com o Brasil,” em que meticulosamente se analisa o movimento do comércio estadunidense com o Brasil, com resultados extremamente favoráveis ao nosso país. No ano fiscal que terminara a 30 de junho de 1875, os Estados Unidos haviam exportado para o Brasil menos de 1/5 do volume da sua importação. O articulista termina a sua análise dizendo que para sanar a discrepância, a solução seria estabelecer comunicação direta de Nova Orleans com o Rio de Janeiro. Essa medida viria a diminuir a enorme diferença na balança de comércio especialmente porque traria grandes economias no preço do altíssimo frete que então se pagava para remeter mercadorias ao Brasil via Europa.

Neste mesmo teor, e indiretamente capitalizando sobre as vantagens do comércio direto, o *New Orleans Republic* do dia 28 de maio traz um artigo intitulado “A riqueza do Brasil,” em que, depois de citar a opinião de Agassiz sobre a fertilidade e grandeza do território brasileiro, o articulista exalta as vantagens econômicas de vários produtos, entre os quais cita a castanha, o babaçú, e vários tipos de madeiras. Segundo a descrição, o país era o próprio paraíso. Expressões como

“most productive and interesting country in the globe,” ou  
“the one which it is the easiest to obtain livelihood”

são típicas. O país produzia todas as frutas tropicais quase sem cultivo; o solo em alguns pontos produziria vinte colheitas sucessivas de cana de açúcar, algodão, ou fumo, sem necessidade de adubação; as florestas eram virtualmente compostas apenas de madeiras preciosas.

Entretanto, a sugestão mais interessante aparece à página 2 do *New Orleans Republican* do dia 25 de maio, ainda durante a estada do imperador na cidade, notícia que deve ter sido lida por ele. Os vários jornais da cidade haviam, com efeito, sublinhado a extrema informalidade de D. Pedro. Na página um do mesmo número do *New Orleans Republican* havia aparecido um longo artigo noticiando a chegada da comitiva imperial no dia anterior e descrevendo a atividade do imperador nos salões do Hotel St. Charles, onde ele é descrito como

“always pleasant, and having the air of a simple and portly gentleman of the old school.”

Do mesmo modo, o *New Orleans Bulletin* também do dia 25 anuncia em grandes manchetes na página um que

“Dom Pedro chega — Nenhuma formalidade ou exibição — Ele viaja como o comum dos mortais.”

Por isso mesmo, o citado artigo da página dois do *New Orleans Republican* do dia 25, não deve ter passado despercebido ao imperador. O artigo intitula-se *Mr D. Pedro, of Rio*, e inicia-se com a explicação de que o autor se dirige assim ao ilustre visitante para respeitar a sua vontade de ser considerado como cidadão particular (*his styly incognito*, como alguém batizara a atitude do soberano na edição do dia 10). Em seguida, acentua mais uma vez as vantagens do estabelecimento de um linha regular direta entre o Rio de Janeiro e Nova Orleans, para então, mais curioso ainda, aconselhar indiretamente o imperador a emancipar os escravos brasileiros, dando como prova infofismavel da praticabilidade de tal medida o fato de que

“the products of emancipated labor are productive of a larger value in market than under the former system of bondage.”

Segundo o artigo, se o Brasil seguisse o exemplo dos Estados Unidos, os negros poderiam ter, como lá, seu próprio sistema de igrejas cristãs, jornais, representantes nas profissões liberais, e copiarium incessantemente as instituições de progresso moral e intelectual que distinguiam os Estados Unidos. Além do mais, poderiam os libertos prestar valioso serviço militar e mesmo ser empregados com vantagem na defesa do país em qualquer emergência. D. Pedro não parece ter se deixado convencer porque numa carta à Condessa do Barral, observa:

“... o Sul da União não é como o Norte apesar da riqueza agrícola dessa região. Veremos o que será em poucos anos sem a escravidão. Os pretos trabalham bem nas fazendas segundo me informaram fazendeiros.” (3).

Com relação aos aspectos turísticos da rápida estada do imperador em Nova Orleans, aconteceu o mesmo que em outros lugares. Ele é constantemente seguido pela curiosidade dos *Neworleanians* e os conquista a todos pelas sua maneiras afáveis e modestas. Os jornais de língua francesa, principalmente, saudaram-no com eloquência

---

(3). — Alcindo Sodré, *Abrindo um Cofre — Cartas de Dom Pedro II à Condessa do Barral* (Rio de Janeiro. Livros de Portugal, 1956), p. 172.

e dedicaram-lhe longos artigos onde elogiavam barrocamente a sua erudição e sapiência. O *Louisianais* de 20 de maio traz em letras garrafais um artigo intitulado *Vive l'Empereur*, onde D. Pedro é comparado com (e pronunciado superior a) o Czar da Rússia, o imperador da Alemanha, e o imperador da Áustria. O exaltado cronista chega a dizer que D. Pedro é superior até mesmo ao General Grant "em tática militar e em literatura." Entre outras coisas, nota que as mulheres brasileiras amam o seu imperador, mas que ele

"n'a point, paraît-il, abusé de leur faiblesse."

Observa também que, mais do que um imperador, D. Pedro parece ser um fazendeiro, ou melhor, um burguês que vive de rendas.

O número de 26 de maio do *Abeille de la Nouvelle Orleans* sorri do desapontamento causado entre os que foram ver a chegada do imperador esperando um rei de tragédia com coroa resplandecente na cabeça, cetro na mão, e manto de púrpura nas costas. O patriarca de barbas brancas, modestamente trajado de negro, não correspondia à expectativa da fantasia pública. Mas foi por essa simplicidade austera que o povo se rendeu ao seu hóspede.

O *Times Picayune*, reportando sobre a visita que D. Pedro fez ao prédio da Alfândega, relata:

"Às duas horas Dom Pedro chegou à Alfândega. Depois de ter visitado o Departamento dos Correios, ele subiu a longa e tediosa escada com o passo firme de um soldado, e inspecionou o magnífico salão... Durante a presença do Imperador na Alfândega, as opiniões dos mais loquazes entre os espectadores ilustram claramente a impressão que o Dom causa nas massas. Ele trajava o seu costumeiro terno preto e chapéu de feltro. A multidão de curiosos seguiu-o sempre. Um observador entusiasta comentou: "Ora, este é o tipo de rei que eu gosto de ver. Ele vem a um país republicano e veste-se como um republicano. Quando for à Europa colocará a sua coroa." Outra voz: "Quem poderia pensar que este é um imperador? Ele mais parece um capitão de navio." Outros disseram: "Que homem magnífico — ele tem o estilo de um imperador. Quão esplêndido deve parecer quando vestido com os signos da sua realeza." Ao partir o monarca tirou o chapéu com um gesto cortês, e este ato entusiasmou tanto os espectadores que eles estavam dispostos a gritar em uníssono *Vive l'Empereur!*"

D. Pedro deixa Nova Orleans com destino a Washington no dia 28 de maio, tendo desenvolvido nesses poucos dias uma atividade realmente surpreendente que incluiu visitas a fábricas, igrejas, escolas, plantações, fazendas, obras contra enchentes, e conferências com médicos, comerciantes, empresários, e outras pessoas gradas, despedindo-se do público oficialmente com uma doação feita ao Clube Dramático da Louisiana. Após breve estadia em Washington, a comitiva segue para o Canadá e termina a viagem em Nova Iorque de onde parte para a Europa no dia 12 de julho de 1876.